

Estrutura de conteúdos da exposição “Mar de Histórias”:

Período – Quando? – Circuito cronológico

Proveniência – Localização de origem de espólio exógeno e respetivos povos

Mobilidade – Tipo de embarcação

Objetos que sobreviveram – Tipo de objetos

Onde foram encontrados – Locais no concelho onde foram encontrados

Base de trabalho dos conteúdos da exposição “Mar de Histórias”:

1. Plano Diretor Municipal – Carta Arqueológica
2. Espólio arqueológico – Recuperado em trabalhos arqueológicos
– Recuperados e entregues por achadores
3. Documentação escrita

Períodos contemplados na exposição “Mar de Histórias”:

- 1) Pré-História
- 2) Proto-História
- 3) Época Romana
- 4) Época Medieval
- 5) Época Moderna

Pré-História

Os vestígios Humanos mais antigos detetados em Esposende remontam à Pré-História, que abarca um vasto período cronológico genericamente compreendido entre 250.000 a.C. e 700 a.C. Encontra-se subdividida em dois grandes momentos:

- Pré-História Antiga (\pm 250.000 a.C. – 5.000 a.C.): os vestígios são genericamente denominados de “instrumentos líticos” – utensílios em pedra – recuperados por exemplo na foz Rio Neiva (S. Paio de Antas), em Sublago/ Lontreiras (Belinho/ Mar), em Gandra (margem Rio Cávado), na foz da Ribeira de Peralta (Marinhas), no Forte S. João Batista (Marinhas) e Cordas (Fão).

A presença de instrumentos em locais hoje no “interior” do território é a prova de ocupação humana num período em que a região tinha outras características: maior volume de água (rio e mar) que inundava a atual planície costeira.

- Pré-História Recente (\pm 5.000 a.C. – 700 a.C.): parte dos vestígios corresponde a raspadores, lascas, picos e núcleos recuperados na foz da Ribeira de Peralta (Marinhas); outro tipo de instrumentos são as pontas de seta, lâminas em sílex e a cerâmica recolhida nos dólmens como o da Cruzinha, Rapido III, o da Portelagem, o da Cerca (Vila Chã) e o de Cimo de Vila (Palmeira de Faro)

Neste último período a maioria dos vestígios concentra-se na área de planalto, mas sempre nas imediações de cursos de água como ribeiras e rios.

As comunidades locais deslocar-se-iam em canoas ou pirogas, utilizadas desde a Pré-História até à Época Medieval. Trata-se de pequenas embarcações construídas a partir de um único tronco de árvore.



Proto-História

A Proto-História é período cronológico situado entre 700 e 200 a. C., com vestígios de ocupação Humana que se centram maioritariamente no interior no atual território de Esposende. Contudo, a sua localização está intimamente relacionada com a proximidade de cursos de água, tanto ribeirinhos e marítimos, funcionando muitas vezes como locais de controlo da foz de rios e ribeiros, bem como da costa Atlântica.

Neste período longínquo os gregos tinham circuitos comerciais marítimos consolidados, que incluíam a costa Atlântica. Certamente que as cerâmicas gregas recuperadas no Castro de S. Lourenço (Vila Chã) - como o fragmento de Kratêr Ático (c. 400-350 a. C.) exposto - terão vindo em navios de comércio gregos.

Paralelamente, a relação dos nossos antepassados com o mar é também evidente na presença de salinas (ou gamelas) móveis - destinadas à produção de sal - bem como de pesos de rede - destinados às redes de pesca - recuperados no Castro de S. Lourenço e nas praias de Rio de Moinhos (Marinhas), S. Bartolomeu do Mar e Belinho (entre outras).



Época Romana

O período que abarca a Época Romana e o respetivo processo de romanização prolonga-se aproximadamente durante 600 anos, entre 100 a.C. e 500 d.C.

Trata-se de um período caracterizado por intensas relações comerciais, sendo as rotas marítimas o meio mais rápido e rentável de circular e trocar produtos.

Na época, o território de Esposende contava com diversas ocupações de cariz romano, tanto pelas evidências arquitetónicas, como pelos artefactos, grande parte transportados em navios de comércio romanos. Será este o caso das moedas que circularam entre o século I a.C. e o IV d.C., o colar em vidro e ouro ou parte das cerâmicas romanas encontradas, por exemplo, no Castro de S. Lourenço (Vila Chã).






Paralelamente, a ativa participação de achadores tem proporcionado a identificação de diversos testemunhos humanos ao longo da costa de Esposende. Disto são exemplo a mó manual da praia de Cepães (Marinhas), a cerâmica (ânforas) e os vestígios de estacaria da praia da foz da Ribeira de Peralta (Rio de Moinhos/ Marinhas).



Época Romana

Um dos materiais mais difundidos pelo Império Romano foram as ânforas, cerâmicas transportadas em muitos casos nos circuitos flúvio-marítimos. A informação que estes recipientes contêm é vasta e importantíssima: é possível identificar quando foi utilizada (pelas formas) e por exemplo através de análises, o local onde foi fabricada (análises às pastas) e o(s) conteúdo(s) transportado(s).

Nesta exposição encontra os principais tipos de ânforas identificados no território de Esposende, nomeadamente no Castro de S. Lourenço (Vila Chã), Castro do Sr. dos Desamparados (Palmeira de Faro), bem como na foz da Ribeira de Peralta (Marinhas) e na praia de Belinho.

Tipos de ânforas	Conteúdo
 Haltern 70	Vinho e derivados: <i>Defructum</i> (líquido doce da cozedura do mosto) <i>Sapa</i> (vinho cozido) <i>Mulsum</i> (vinho cozido misturado com mel) <i>Oliva ex defructo</i> (azeitonas pretas em conserva) <i>Oliva dulcis</i> (azeitonas conservadas em produto adocicado derivado do vinho)
 Dressel 7/11	Peixe salgado <i>Garum</i> (molho de peixe feito de sangue, vísceras e de outras partes de peixes, crustáceos e moluscos)
 Dressel 20	<i>Garum</i> Azeitonas/ azeite
 Tipo Urceus	Produtos vínicos: Diversos tipos de vinhos e outros derivados como a <i>sapa</i> e uvas preparadas em conserva
 T-7.4.33 Mana C2B	Peixe salgado <i>Garum</i>

Época Medieval

Entre os séculos IX e XIV, assiste-se ao aparecimento de novas áreas povoadas pelo Homem, parte das quais ainda hoje ocupadas. Contudo, outros espaços registam uma continuação da presença anterior.

É no monte de S. Lourenço e em diversas praias ao longo da costa que se têm recuperado pesos de rede (pesca) e salinas móveis (extração de sal). Uma outra evidência da prática salineira são os tanques cavados nos rochedos, descobertos nas imediações da foz de vários rios e ribeiros que desaguam diretamente no mar, como na foz do Rio Neiva (S. Paio de Antas) e da Ribeira de Peralta (Marinhas).

Uma outra fonte sobre a existência de salinas é a documentação medieval. O primeiro documento que as menciona data de 959 e pertence ao códice de D. Mumadona. Neste são mencionadas “*saliniense salinas*” existentes na vila de Fão, situada junto ao rio Cávado e próxima do mar (...*vila nuncupata fano (...) erga anne catavo (...) ab ore maris...*).

Associando a documentação e o espólio recolhido no Cemitério Medieval das Barreiras (Fão), conclui-se que este espaço terá sido ocupado desde o século X até ao século XIII/ XIV. Neste destacam-se as moedas - *Dinheiros* de D. Sancho II (1223-1248) – e as cerâmicas recolhidas num edifício erguido sobre parte do cemitério. A prática da pesca também está presente através dos pesos de rede encontrados no interior e exterior das sepulturas.



Época Moderna

Ao longo da Época Moderna assiste-se a um conjunto de intensas descobertas e revoluções, pautadas de grande dinamismo económico, social e político. Entre 1500 e 1700 a ocupação Humana do território aproxima-se da configuração atual. Grande parte dos espaços humanizados assiste à sua consolidação neste período.

O período de 1500 a 1700 está obviamente bastante mais documentado. Regista-se uma forte labuta nas comunidades ribeirinhas e costeiras, nomeadamente com o desenvolvimento de estaleiros de construção naval e de portos de comércio. Tal proporcionou a elevação de Esposende à categoria de Vila, por foral do rei D. Sebastião.

Da encruzilhada de embarcações que circulava pelo rio Cávado ou que cruzava a costa, nem todos foram bem-sucedidos. É o caso de um navio do século XVI/XVII descoberto em 2014 numa das praias de Belinho. Graças à dedicação de um grupo de achadores, foi recuperada parte da embarcação e da carga. São importantes vestígios que atualmente integram projetos internacionais de investigação.

No entanto, as evidências arqueológicas não se restringem a este caso, como disso são exemplo as “butijuellas” (botijas), recuperadas na zona costeira de Marinhas e S. Bartolomeu do Mar.

